

## SIMPÓSIO AT033

### Da ponta do lápis às redes sociais: argumentação e autoria em discurso

TURCI, Valéria Fernandes  
Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP)  
E-mail: [valeria.f.turci@gmail.com](mailto:valeria.f.turci@gmail.com)

PACÍFICO, Soraya Maria Romano  
Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP)  
E-mail: [smrpacifico@ffclrp.usp.br](mailto:smrpacifico@ffclrp.usp.br)

#### Resumo

Considerando que os gêneros digitais ganham cada vez mais destaque na comunicação e muitos adolescentes acessam canais de vídeos no *Youtube* para visualizar resenhas de *booktubers* sobre livros, o objetivo deste trabalho foi colocar essa nova prática de letramento em discurso no contexto escolar, com o intuito de possibilitar não só o incentivo à leitura, mas também a análise dos gestos argumentativos e os indícios de autoria presentes no discurso dos sujeitos-alunos, em ambiente virtual, sobre as leituras realizadas em sala de aula e para além dela. Para o desenvolvimento da pesquisa, nossa referência teórica é a Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux. Nosso *corpus* será composto por vídeos elaborados por alunos do ensino fundamental de uma escola pública de Ribeirão Preto/SP. Os resultados de nossas análises demonstram que o discurso dos sujeitos-alunos aponta marcas de autoria e argumentação quando as condições de produção da leitura e interpretação são permitidas no contexto escolar.

Palavras-chaves: Argumentação; Autoria; Discurso; Educação.

#### Abstract

Since digital genres are becoming more and more relevant in communication today, and many teenagers access *Youtube* channels to visualize *booktubers'* book reviews, the aim of this paper was to put this new practice of literacy in the context of the school. This was done in order to enable not only the reading motivation, but also the analysis of argumentative gestures and the signs of authorship present in the student-subjects' discourses in the virtual environment about their readings. Our theoretical reference

for this research was the Discourse Analysis, which was founded by Michel Pêcheux. Our *corpus* is composed of videos that were elaborated by elementary school students from a public school in Ribeirão Preto, São Paulo. The results of our analysis demonstrated that the discourses of the student-subjects present signs of authorship and argumentation when the conditions of reading and interpretation production are enabled at the school context.

Keywords: Argumentation. Authorship. Discourse. Education.

## Introdução

A contemporaneidade trouxe grandes mudanças no modo de vida da sociedade no que tange ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Ao observarmos que nas escolas públicas e privadas as crianças chegam já habituadas ao uso de *smartphones* e ao acesso às redes sociais, que os gêneros digitais ganham cada vez mais destaque na comunicação, e que muitos adolescentes têm acessado canais no *Youtube* para visualizar comentários de *booktubers*<sup>1</sup> sobre livros, propusemo-nos a inserir no contexto escolar essa nova prática de letramento.

Considerando que o cenário urbano instaurado com o uso do digital tem produzido mudanças na sociedade contemporânea e, portanto, na constituição do sujeitos-alunos, decidimos investigar se o discurso realizado em ambiente virtual indicia marcas de autoria e argumentação dos alunos ao recontar, debater e também indicar (ou não) para o interlocutor a leitura de determinadas obras literárias. Para isso, criamos um canal de vídeos no *Youtube* com o objetivo de hospedar os vídeos com as resenhas de livros elaboradas pelos alunos. Posteriormente, criamos um site denominado Literatuber, visando facilitar a visualização dos vídeos e organizá-los em uma mesma página.

---

<sup>1</sup> Nomeação dada aos internautas que têm um canal de resenhas de livros no *Youtube*, onde fazem comentários sobre as obras lidas e indicam ou não a sua leitura.



Figura 1: Tela inicial do site: <http://literatuber.com.br/>

Apresentaremos neste trabalho um recorte de um *corpus* maior, que faz parte do âmbito da pesquisa de mestrado “Da ponta do lápis às redes sociais: argumentação e autoria em discurso”, que vem sendo realizada desde 2018 na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - FFCLRP/USP. Para nortear nossos estudos, consideramos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de ‘linha’ francesa, cujo principal expoente é Michel Pêcheux, bem como os estudos de Bauman (2001), Dias (2018), Orlandi (1999, 2012), Pacífico (2012, 2016), entre outros.

## 1. Adentrando ao contexto da instituição escolar

O trabalho foi realizado com alunos de três salas do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Ribeirão Preto/SP, no decorrer do ano letivo de 2018. Depois de assistirmos a vídeos elaborados por *booktubers* já conhecidos, solicitamos que os sujeitos-alunos elaborassem um vídeo com uma resenha oral sobre a(s) leitura(s) que marcaram sua vida, de forma positiva ou não, ou sobre um livro que tenham gostado. O vídeo poderia ser realizado individualmente ou em grupos. Os alunos foram orientados a dizer o motivo da escolha da obra, contar as partes interessantes da história, fazer uma análise crítica e indicar ou não sua leitura.

## 2. Um percurso pela teoria discursiva, pela autoria e argumentação no espaço escolar

Os sujeitos de nossa pesquisa são jovens alunos, sujeitos de linguagem que se subjetivam ao discursivizarem nas redes sociais, em uma prática discursiva que não está dissociada da assunção da autoria e indicia traços da singularidade do autor. Destacamos que, ao nos filarmos à Análise de Discurso, pelo termo sujeito não nos referimos a um sujeito gramatical nem empírico tal como considera a Psicologia, mas a lugares sociais e é a partir desses “lugares” que o sujeito produz o seu discurso (PACÍFICO, 2012).

De acordo com Bauman (2001), a era digital influenciou o modo de vida da sociedade, tornando as pessoas mais individualistas e consumistas. O autor destaca dois conceitos básicos em torno dos quais as narrativas da condição humana têm se desenvolvido: a transformação do cidadão em consumidor e a substituição da ideia de coletividade e solidariedade pela ideia de individualidade. Nesse contexto, ao abordarmos a constituição do sujeito contemporâneo, devemos considerar a sua relação com o digital desde o seu nascimento. Para Dias (2018), “todos esses processos maquinímicos portáteis e miniaturizados são parte dos modos de individuação do sujeito, pelo discurso da tecnologia, da “era tecnológica”, da “era digital” (DIAS, 2018, p. 56).

Conforme Pêcheux (2010 [1975] p. 164), “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”, dessa forma é que a língua faz sentido. Sendo assim, em nossas análises consideramos que eles nasceram e cresceram em uma sociedade que utiliza o digital nas mais diversas atividades cotidianas, o que produz transformações nas relações sociais e ideológicas, na forma como se comunicam, nos relacionamentos pessoais e, portanto, na sua constituição como sujeito.

Ao abordarmos o contexto escolar, nossa experiência docente nos permite afirmar que, geralmente, o trabalho com a leitura ocorre por meio dos textos apresentados pelo livro didático e por exercícios padronizados de interpretação, o que tende a interditar a circulação de sentidos. Pacífico (2016) defende que a argumentação deve ser entendida como um direito humano, tal qual como a literatura<sup>2</sup>, direito este que deve ser exercido no contexto escolar de forma que “o sujeito, exercendo essa prática discursiva, sinta-se no direito de tomar a palavra, de mergulhar no fio discursivo e posicionar-se acerca dos sentidos colocados em circulação, na sociedade.” (PACÍFICO, 2016, p.192).

<sup>2</sup> Conforme Cândido<sup>2</sup> (2004) defende a literatura como direito humano.

No entanto, sabemos que as práticas discursivas argumentativas no contexto escolar começam, tradicionalmente, a ser desenvolvidas efetivamente a partir do 9º ano, por meio do gênero dissertação, um tipo de texto que costuma ser exigido em exames de seleção para vestibulares, vestibulinhos e demais concursos. Partindo do princípio de que o livro didático, não raro, é o principal instrumento linguístico usado pelo docente nas escolas de todo país, é possível considerar que a maioria dos alunos concluem o ensino fundamental sem exercer o direito à argumentação, o que trará implicações para além da escola, uma vez que não estão sendo preparados para participar discursivamente da sociedade, cujas práticas discursivas cotidianas sustentam-se (ou deveriam sustentar-se) na argumentação.

Nessas circunstâncias, com o objetivo de instaurar o discurso polêmico (ORLANDI, 2011), garantindo, assim, o direito dos alunos à interpretação, à argumentação e à construção de novos sentidos, procuramos desenvolver nosso trabalho por meio de diversas atividades que incluíssem práticas discursivas argumentativas. Para além da argumentação, em nossa pesquisa, trataremos a possibilidade de instauração da autoria no discurso dos sujeitos-alunos, salientando que não nos referimos ao conceito de autoria na perspectiva de Foucault (2001), em que o nome do autor se constitui como legitimidade jurídica de um texto a ele associado, ou então a critérios discursivos que associam a obra a seu nome.

Conforme Possenti (2009), alguém se torna autor quando assume, de forma consciente ou não, atitudes como “dar voz a outros enunciadores, manter distância em relação ao próprio texto, evitar a mesmice, pelo menos” (p. 110). Para Pfeiffer (1995, p. 68) “ser leitor e autor não significa ser original, mas sim ter o direito à produção de sentidos na linguagem, ser sujeito da linguagem”, o que somente ocorre quando é garantida ao aluno essa oportunidade de interpretação.

Ao tratar sobre a função autor, Orlandi (2016) faz distinção entre repetição empírica (exercício mnemônico que não produz sentidos); repetição formal (técnica de produção de frases e exercícios); e repetição histórica, que inscreve o discurso enquanto memória constitutiva, ou seja, ao produzir um discurso o sujeito inscreve-se no interdiscurso, filia-se a um saber discursivo.

A inscrição do dizer no repetível histórico (interdiscurso) é que traz para a questão do autor a relação com a interpretação, pois o sentido que não se historiciza é ininteligível, ininterpretável, incompreensível. (ORLANDI, 1996, p. 70).



Considerando que as relações na sociedade são determinadas histórica e ideologicamente, as formulações discursivas são constituídas segundo determinadas formações imaginárias elaboradas pelos sujeitos envolvidos no processo discursivo, as quais fazem parte da estratégia discursiva, pois regulam a possibilidade de respostas e dirigem a argumentação, o que Orlandi (1999) chama de mecanismo de antecipação:

Segundo o mecanismo da antecipação, todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 1999, p.37).

Desse modo, os sentidos foram se constituindo nas formulações dos alunos, que ocuparam a posição de sujeitos-booktubers produtores de resenhas, conforme podemos observar no recorte transcrito a seguir, de uma resenha elaborada por um sujeito-aluno da turma do 9º ano C.

Recorte:

A minha resenha é sobre o livro *Coragem Não Tem Cor*. Ele foi escrito pela autora Márcia Kupstas e conta a história de dois irmãos, os irmãos Daveaux [...]. Garotos negros, pobres e de origem muito humilde, que recebem um convite de seu recém-conhecido primo para estudar num colégio de elite, um dos mais caros de São Paulo, onde lidam com seus problemas com outros “colegas” de turma, pois os dois são os únicos negros do colégio [...]. Na minha opinião, o *Coragem Não Tem Cor*, ele promove um tema muito promissor, que é o racismo. Mas, a Márcia Kupstas perde um pouco da oportunidade de fazer algo novo e segue sempre os mesmos clichês de sempre, que é meninos negros discriminados, que um se apaixona por uma menina que tem o pai racista e que eles são acusados de um roubo, que é isso que acontece. Eu recomendo esse livro pra uma idade mirim, que é de onze a treze anos, porque ele tem uma linguagem bem fácil pra compreensão deles, e uma história mais nova pra eles, que ainda não conhecem tanto o mundo da literatura. Mas só para mirins mesmo, porque para maiores eu acredito que possa ser um pouco enjoativo e também simplório demais.

Esse recorte nos indicia a assunção de um ponto de vista sobre o objeto discursivo, seguido de defesa do argumento. No trecho “*Na minha opinião, o Coragem Não Tem Cor, ele promove um tema muito promissor, que é o racismo*” nos dá indícios

de que o sujeito-aluno se filia a uma formação discursiva totalmente contrária ao racismo e argumenta contra o preconceito. Entende que o tema é relevante, no entanto faz uso da marca linguística “mas” em *“Mas, a Márcia Kupstas perde um pouco da oportunidade de fazer algo novo e segue sempre os mesmos clichês de sempre, que é meninos negros discriminados”* para tecer o fio argumentativo, sustentado pela ideia de que a autora não foi criativa e original. Nesse sentido, faz restrições ao indicar a leitura do livro.

Conforme já dissemos, ao produzir um discurso, todos os sujeitos formulam imagens sobre si mesmo, sobre seu interlocutor e sobre seu enunciado. Ao materializar *“Eu recomendo esse livro pra uma idade mirim, que é de onze a treze anos, porque ele tem uma linguagem bem fácil pra compreensão deles, e uma história mais nova pra eles, que ainda não conhecem tanto o mundo da literatura. Mas só para mirins mesmo, porque para maiores eu acredito que possa ser um pouco enjoativo e também simplório demais”* o sujeito-aluno produziu imagens de quem seriam seus interlocutores e sobre o objeto de seu discurso. Ao inscrever em seu dizer os sentidos de leitor “mirim”, o sujeito-aluno trabalha o interdiscurso no intradiscurso sobre o que seria um leitor mais novo, que está em um grau de escolaridade inferior ao ocupado por ele. O mesmo ocorre para os sentidos de “simplório”, ou seja, a leitura poderia ser entediante para leitores proficientes. Dessa forma, o sujeito-aluno tece o fio argumentativo sustentando-se nas formações imaginárias que possui sobre leitores e seus possíveis interlocutores, o que nos indicia um sujeito aberto ao diálogo, que considera a alteridade, que contempla o leitor do intradiscurso, movimento fundamental para a constituição da autoria (PACÍFICO, 2012).

## Considerações Finais

Consideramos que para argumentar é preciso que a autoria se instale; desse modo, ao possibilitar a instauração do discurso polêmico, presumimos que o sujeito-aluno estaria em condições de argumentar a partir da posição de autor, já que as condições de produção discursivas colaborariam para que isso fosse possível. Nessa perspectiva, criamos possibilidades de trabalho diversificadas, nos empenhando para que as condições de produção em sala de aula e no ambiente virtual possibilitassem

que os sujeitos-alunos ocupassem a função-leitor (PACÍFICO, 2012), importante, em nosso entendimento, para a prática da argumentação e da autoria.

Ao compararmos os discursos realizados em ambiente virtual e na sala de aula, constatamos que não foi o uso da tecnologia que influenciou o desenvolvimento da argumentação e a prática da autoria, mas sim as condições de produção da leitura e interpretação proporcionadas aos sujeitos-alunos, isto é, acesso ao arquivo, relação dos interlocutores sustentada pelo direito às práticas de argumentação e autoria, e a escolha dos livros de literatura realizada pelos próprios sujeitos-alunos.

## Referências

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 169-191.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: \_\_\_\_\_ **Ditos e escritos**: estética – literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-296.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Argumentação e autoria nas redações de universitários**: discurso e silêncio. Curitiba: Appris, 2012.

\_\_\_\_\_. O direito à argumentação no contexto escolar. In: PIRIS, Eduardo Lopes; OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés. **Discurso e Argumentação em múltiplos enfoques**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 191-212.

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: Gadet, Françoise.; Hak, Tony. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 159-250.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas de discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.